

PSICANÁLISE E LINGUAGEM

PSYCHO-ANALYSYS AND LANGUAGE

Alberto Philippi May

Graduado em Psicologia pela Universidade Federal da Santa Catarina (UFSC)

Psicanalista, dedica-se ao ensino e a prática psicanalítica há 28 anos.

Membro da Maiêutica Florianópolis - Instituição Psicanalítica

amay@terra.com.br

RESUMO

Neste artigo articulamos o caminho que Lacan percorre ao retornar aos textos Freudianos, fazendo uma leitura a partir da lingüística de Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson; produzindo a partir daí uma subversão para o campo analítico onde diz que o inconsciente tem uma estrutura de linguagem. Passando então da lingüística ao que ele chamou de linguisteria para pensar o sujeito do inconsciente como sujeito do desejo.

Palavras-chaves: Lingüística. Subversão. Inconsciente. Linguisteria. Sujeito. Desejo.

ABSTRACT

In this paper, we articulate the trajectory that Lacan goes through by returning to the Freudian texts, making a lecture based on the linguistics of Ferdinand of Saussure and Roman Jakobson, producing from that a subversion to the analitic camp by saying that the Inconscient has a language structure. Going, therefore, from the linguistics to what he calls linguisteria to think the inconscient subject as desire subject.

Key-words: Linguistic. Inconscient. Subversion. Linguisteria. Subject. Desire.

1 A SUBVERSÃO DO SUJEITO

Lacan, em seu retorno ao texto de Freud, aponta a necessidade de ler os conceitos Freudianos com o rigor com que o mestre de Viena produziu sua teoria psicanalítica a partir

da clínica. Nesse retorno, o que vemos é uma preocupação de Lacan em trazer para o campo Freudiano a dimensão da linguagem.

Na sua releitura dos textos Freudianos sobre o inconsciente (FREUD, 1980a), como a interpretação dos sonhos (FREUD, 1980b), o texto sobre o chiste e os tropeços da fala, examinados em seu livro “A Psicopatologia da Vida Cotidiana” (FREUD, 1980c), Lacan nos revela um Freud, que tal como Champolion (o lingüista francês que traduziu os textos inscritos na Pedra de Rosseta), estava envolvido com o deciframento de um discurso a partir da própria letra.

Lacan ressalta a importância que Freud deu ao papel desempenhado por uma palavra, uma letra isolada, uma combinatória invertida, um jogo. O sentido oculto que este deciframento visa alcançar é dado pelo ato de decifrar. O sentido de um sonho, ou sintoma, nos diz Lacan (1998a), não estava lá antes que se empreendesse sua análise, ou seja, sua interpretação. Em seu texto “Função e Campo da Fala e da Linguagem”, Lacan (1998a) se orienta, cada vez mais, em direção ao campo da linguagem e a função da fala. Ele nos diz que a lei primordial é, pois, aquela que ao reger a aliança, superpõem o reino da cultura ao reino da natureza, entregue à lei da cópula..., essa lei se faz, pois, conhecer suficientemente a uma ordem da linguagem.

2 LACAN E A LINGÜÍSTICA

Lacan sempre reconheceu sua dívida com Ferdinand de Saussure e Roman Jakobson, que lhe proporcionaram a possibilidade de reler o texto Freudiano. Segundo o ensino de F. Saussure, que hoje é clássico, todo signo lingüístico se decompõem em uma face perceptível, audível: O significante, e outra invisível, conceitual: O significado.

Em sua conferência, proferida na Sorbonne, em 9 de Maio de 1957, cujo título era “A Instância da Letra no Inconsciente ou a razão desde Freud” (LACAN, 1998b), Lacan traz um esclarecimento sobre esta teoria da Lei do Significante. A letra é a base material que o discurso concreto toma da linguagem. Então podemos ler aí, tal como nos ensina Lacan (1998b), que a letra, por sua ausência radical, está na origem de toda demanda o que significa que a demanda, como demanda de amor é a experiência pela qual se recortam, para todo humano certos traços do Outro que estruturam simplesmente sua relação com a linguagem e o desejo.

Desde o início de seu ensino, Lacan nos mostra que a linguagem em seu sentido mais corrente do termo, a Língua falada, com sua estrutura discursiva, preexiste ao sujeito, ao seu nascimento, e a sua constituição psíquica. O sujeito se inscreve ou é inscrito no “movimento universal” do discurso sob a forma de seu nome próprio, nesse sentido a linguagem é constitutiva, tanto do sujeito como da cultura.

No seu percurso pela lingüística Saussuriana, Lacan retoma a fórmula de F. Saussure, na qual cada significante recorta o significado correspondente, e isso em uma relação arbitrária convencional a respeito da realidade representada. Lacan se refere uma e outra vez a esta lingüística para estabelecer “o deslizamento incessante do significado sob o significante”.

Na cadeia dos significantes, o sentido insiste, mas nenhum dos significantes remete a significação, lembrando sempre que Lacan dizia que o significante é o que representa o sujeito a outro significante. Um exemplo que Lacan nos traz é a dupla inscrição nos banheiros públicos: Homens/Mulheres. Esta designação imperativa não só tem por objeto uma distribuição atual e disciplinaria das pessoas, mas fundamentalmente alude a toda uma cultura – imemorial, de diferenciação dos sexos, Homens e Mulheres simbolizam a diferença que a lei articula.

A linguagem é então, originariamente menos um meio de comunicação, do que uma função, ela permite a identificação do sujeito, no reconhecimento dos traços, que definem a condição de um ser, ao mesmo tempo sexuado e mortal. O grande Outro, no qual o sujeito se aliena, é definido pelas leis próprias do significante.

Então, ali, onde Saussure só estabelecia uma barra como convenção,

S/S

Lacan inverte a formula Saussuriana colocando significante sobre significado e produz uma barra espessa, que separa significante e significado,

S/S

Esse espessamento da barra não implica que o significante se torna mais denso e misterioso ao submergir nas profundezas do inconsciente, o que essa barra mais espessa escreve é que tomada ao pé da letra, a linguagem aparente, manifesta, não é mais que uma

cadeia de significantes, que recobrem sobre sua barra, outros significantes mais, sobretudo significantes inconscientes.

Lacan traz outros exemplos, quando se refere aos múltiplos alcances da partitura de uma polifonia; tantas linhas de significantes musicais debaixo de uma única linha de audição. Ele também se refere às operações poéticas, que ordenam em forma nova e significante.

Lacan, durante seu ensino, se referiu muitas vezes ao fato de ter ido buscar na lingüística de Saussure a sua noção de significante, para produzir aí uma subversão, ao dizer que um significante é aquilo que representa um sujeito para outro significante.

No seminário 20 – “Encore” (Mais ainda), Lacan irá dizer que a lingüística a qual se refere, e com a qual a psicanálise tem a ver, deve ser chamada de linguística, para mostrar que ali está em jogo não só um sujeito falante, como também um sujeito desejante (LACAN, 1982).

Quando Lacan afirma que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, ele promove aí, uma transformação, uma subversão da fórmula de Saussure. O que essa subversão coloca em jogo, é que nessa operação equaciona-se a mais íntima dependência de uma possível teoria do sujeito para com a ciência da letra, e não do significante lingüístico, pois o que Lacan mostra é que o importante e fundamental é que aquilo que insiste na cadeia significante enquanto repetição é da ordem da letra: Instância da letra no inconsciente (LACAN, 1998b).

Dizer que o inconsciente é estruturado como uma linguagem não deve ser confundido com a hermenêutica entre o latente e o manifesto da psicanálise tradicional. O que Lacan postula é outra coisa, diferente da idéia de que o analista deva decodificar ou traduzir alguma coisa já pronta, uma linguagem pronta que emergja do inconsciente. Pelo contrário, é preciso assinalar o axioma Lacaniano, de que a linguagem é condição do inconsciente, sendo o sujeito, efeito do discurso.

A posição de Lacan quanto ao sujeito e sua fala é bem distinta do que a lingüística permite pensar. O ser falante não é usuário do código, o sujeito é efeito do discurso falado, antes de falar, pois está imerso no campo da linguagem, na cadeia significante, de onde é chamado a dizer de si. O que esta cadeia significante possibilita ao sujeito é a de se servir dela para significar algo diferente do que ela diz. O que interessa à escuta psicanalítica é menos o que a fala encerra de unívoco e mais o que ela tem de equívoco, neste equívoco, no inter-dito, desvela-se o sujeito da enunciação.

Para Freud, um sujeito falante se constitui a partir de sua divisão, entre consciente e inconsciente. Ele nomeia este processo, como recalque primário e secundário. Para Freud a divisão (Spaltung) encontra-se no ponto de partida da constituição subjetivo. Para estes dois lugares distintos, Lacan emprega as categorias lingüísticas tomadas de Roman Jakobson, que são enunciado e enunciação.

O enunciado aparece no nível do discurso, a enunciação permanece oculta ou se manifesta em outra parte, não no eu, ficando então aberta a via para o mal-entendido, para os enganos, para a equivocidade do discurso. Assim, o enunciado nunca será tomado como tal, senão como enigma, hieróglifo, onde se oculta o sujeito. Lacan se refere a estas duas categorias da seguinte maneira: “A cadeia de enunciação, marca um lugar onde o sujeito está implicado no puro discurso, já a cadeia do enunciado, é aquela em que o sujeito é designado pelos shifters (Embregens)”. Lacan acrescenta que os Shifters designam ao sujeito da enunciação, mas não o significa.

Em sua teoria, Lacan vai operar uma radical diferenciação entre o eu (moi) e o sujeito. O eu é sempre no homem a instância do imaginário, o lugar das identificações e alienações. O sujeito é o que emerge como singularidade, marcado no seu acesso à linguagem, marcado sobretudo pela configuração familiar dos três personagens, o pai a mãe, a criança, a partir de um quarto elemento – o falo. O falo como significante que é destinado a designar em seu conjunto os efeitos de significado, ou seja, a significação do falo (LACAN, 1998c).

Ao aceder à linguagem, o sujeito pode comportar-se nela, segundo o regime simbólico, o qual equivaleria a uma relação metafórica com a realidade, ou pode também comportar-se segundo o regime do imaginário, ou seja, a confusão entre o eu (moi) e o sujeito. A linha divisória passa, portanto, entre o sujeito verdadeiro, sujeito do desejo, e o eu (moi), que é ilusório e enganoso, na medida em que se disfarça de “sujeito”.

A psicanálise postula que todo ato de linguagem implica um sujeito não apenas falante, mas também desejante, o sujeito e o sentido, para a psicanálise, não são prévios, eles se produzem no trabalho discursivo. Então a linguagem que importa para a psicanálise situa-se nos confins da lingüística, Lacan postula uma linguagem que é condição do inconsciente, e não o contrário. O lingüista e psicanalista Jean Claude Milner (1978) diz que o fato de a língua existir está relacionado com o fato de existir o inconsciente estruturado como uma linguagem, produzindo um ponto em que a língua e o desejo inconsciente se articulam.

Para Milner (1978), os sujeitos falantes e os sujeitos barrados pelo desejo colocam-se nesse entrecruzamento, onde o desejo vem “corromper uma ciência humana” e onde vemos

estabelecer-se, ao mesmo tempo, uma relação inteligível entre a linguagem e uma teoria possível do desejo. Temos visto até agora que a lingüística estrutural vai possibilitar a Lacan uma lógica do significante, que permita localizar, no fundamento da experiência de uma análise, o determinismo dos fatos de linguagem, na própria dinâmica e na economia das estruturas inconscientes.

Considerada na perspectiva da interpretação dos sonhos, Lacan vai nos mostrar que a obra de Freud aparece como uma análise da relação essencial que une a linguagem ao desejo, o sonho sendo uma das formas de expressão substitutiva do desejo. Nesse sentido é possível ver como, para Freud, a interpretação não incide sobre o sonho, mas sobre a narração do sonho. O que temos, então, é um texto no qual o sujeito produz uma fala que toca em seus efeitos, na expressão primitiva do desejo, engajado na própria dimensão do conflito inconsciente, que é sua origem. O analista então vai escutar a linguagem do desejo, mais do que o desejo enquanto tal. O texto do sonho, que traz o manifesto e o latente no dizer de Freud, ou o enunciado e a enunciação, no dizer de Lacan, pode ser pensado como paradigma psíquico de todas as representações simbólicas do desejo, escondidas atrás das formas deslocadas e disfarçadas do Chiste e do Lapso, do mito, da obra de arte, da ilusão religiosa etc.

Para a psicanálise, a questão está em pensar a linguagem no ato de fala do sujeito, que é subvertido pelo desejo. O desejo marca, ao mesmo tempo, o fracasso de uma fala completa e sua própria impossibilidade de satisfazer-se na busca pelo objeto – Lacan nos diz que o desejo é metonímico, é sempre desejo de outra coisa.

Se nos lembrarmos de que o inconsciente freudiano é uma rede de representações, vestígios de antigas experiências, e que o sonho, por exemplo, se realiza, com a combinação mais ou menos coerente de tais elementos, podemos perceber que o trabalho do sonho, descrito por Freud, não está tão longe das operações da linguagem, definida por Roman Jakobson, tais como metáfora e metonímia. Assim, o conceito de condensação, para Freud, designa o fato de que um único elemento do sonho pode vir em lugar de todo um complexo de idéias latentes: Lacan (1998b), em “A Instância da Letra”, interpretou este processo como metáfora.

De fato, o elemento selecionado substitui, no discurso onírico, os elementos elididos. Curiosamente, outro conceito bem diverso da meta-psicologia Freudiana, o recalque, é traduzido como metáfora. No recalque, igualmente, um elemento da linguagem consciente é escamoteado em favor de outro, anódino, que vem ocupar seu lugar na cadeia do discurso. O

elemento substituto torna-se assim, um significante que tem por significado, outro significante ausente. É preciso definir a metáfora pela implantação numa cadeia significante de outro significante, pela qual aquele que ele suplanta recai no nível de significado e como significante latente perpetua aí, o intervalo onde outra cadeia significante pode ser enxertada (LACAN, 1998a).

A condensação cria, assim, uma encruzilhada, que se abre para diversas correntes de representações pertencentes à rede inconsciente. A partir de um elemento do sonho, é possível penetrar em várias direções na teia inconsciente, pelo discurso das associações livres. Para ilustrar o valor recalante da metáfora, tomemos a frase de Aristóteles: “A velhice é o entardecer da vida”, no qual Lacan nos indica o recalque do mais desagradável do termo metaforizado, para fazer surgir nele um sentido de paz, que ele não implica de modo algum na realidade.

Outra correspondência estabelecida por Lacan é entre deslocamento e metonímia. No deslocamento, o pensamento inconsciente se desvia de uma representação desagradável ou inadmissível na consciência, para se concentrar numa outra, que lhe está associada, sem que o nexos entre ambas seja visível de imediato para o sujeito. O deslocamento, assim como a metonímia se apresenta como substituição e seleção de elementos da linguagem, que constitui uma trajetória, que vai constituindo, a cada passo, o fio do discurso do sonho. Como as imagens do sonho, o ato falho e o sintoma resultam de idênticos processos, o que basta para promovê-los à condição de significante, isto é, de elementos cuja significação está pendente do conjunto das relações que os ligam à trama de significantes inconscientes.

Se o inconsciente é estruturado como uma linguagem, o desejo não pode estar presente nele, senão através de seus significantes. Ele se compreende como repetição ou a insistência de seus significantes privilegiados no discurso do sujeito, de onde o caráter irreal, fantástico, impossível, atribuído por Lacan ao desejo. Não se trata exatamente da procura de uma satisfação efetiva, o sintoma não é a satisfação de um prazer real, mas é a reiteração tenaz de uma mensagem que não encontrou destinatário, que foi barrada numa idade remota pela oposição ou intervenção dos adultos que contra ela se protegiam. Só assim se compreende que o sintoma desapareça, quando é interpretado; o analista não poderia oferecer nenhuma satisfação no plano do real. O desejo que suporta o sintoma é, pois, desejo de comunicar um desejo.

Lacan, ao longo de seu ensino, nos mostrou o fato de que a linguagem determina a condição do sujeito, o que quer dizer que o sujeito é falado ainda antes de seu nascimento, portanto o filho, antes de nascer, já existe como elemento de linguagem. Embora seja efeito

do significante, o sujeito não pode ser representado integralmente por ele; por isso, nasce barrado, dividido, sem unidade possível, absolutamente heterogêneo ao indivíduo, que significa precisamente indiviso, aquele que não se divide. Lacan postula que a hipótese com a qual o sujeito entra na linguagem é a de que “O indivíduo que é afetado pelo inconsciente é o mesmo que constitui o que chamo de sujeito de um significante” (LACAN, 1998a).

O sujeito só tem acesso a si mesmo em uma ordem simbólica, que o recebe sob a forma da linguagem, na qual a determinação do significante faz valer o sujeito como dividido por seu próprio discurso. A divisão do sujeito é então fundamentalmente o produto de uma ação significante, ou seja, o efeito da estrutura do desejo como falta em ser, e menos do que o resultado de um conflito entre desejos contrários.

O trabalho metafórico e metonímico do significante e do desejo faz com que a divisão do sujeito, tomada na linguagem, venha a se sobrepor àquela que resulta de sua proibição na pulsão sexual, tal como Freud havia analisado.

A linguagem, que dá forma à gênese do sujeito (cenário familiar), é o meio em que o indivíduo é mergulhado desde o nascimento, o meio que o sujeito deverá subjetivar, onde ele deverá se encontrar nele, em sua própria história, é o que Lacan designa como lugar do Outro.

O grande Outro, tesouro do significante, é o lugar onde Lacan designa o ponto de origem, para onde o sujeito se volta em busca de resposta para questões maiores sobre seu sexo e sua existência. Os pais são os que primeiro encarnam esse Outro enquanto desejo inconsciente que visa o filho. O desejo só existe através de seus significantes, que por sua vez, vêm desse outro lugar, que é o lugar da palavra, a partir do qual o sujeito vai sendo inscrito na ordem simbólica. Aqui se precisa uma nova dimensão da cadeia significante, como assinala Lacan: “Trata-se dessa cadeia de palavras, tecida ao longo de gerações, e que vem decidir, em última análise, quais são os significantes a que está sujeito o nosso destino. Assim, a questão da existência pode pôr-se sob a forma do Che Vuoi? O que o Outro quer de mim?”. Quando Lacan diz que o inconsciente é o discurso do Outro, refere-se ao esquecimento em que permanece nos significantes em que nos fixamos e que põem as condições e os limites de nosso ser-no-mundo. É esta barreira criada pela palavra à minha liberdade, único obstáculo removível por palavras.

Lacan dizia que o Homem é enfermo pelo significante, e é pelos significantes, ou seja, pela palavra, que o sujeito pode chegar a ascender a uma verdade singular, intransferível, produto de seu percurso numa análise.

Para finalizar, diria que retornar a letra da teoria Freudiana, não consiste para Lacan em buscar uma intuição original qualquer da idéia do inconsciente. Nesse retorno à Freud, Lacan, como grande leitor da obra Freudiana a qual leu em seu idioma original (alemão), recorre de início a noções da lingüística Saussuriana, as teses de Emilio Benveniste e de Roman Jakobson não o faz para dar um novo fundamento à doutrina do inconsciente. Mas é, sobretudo, para reencontrar Freud do lado de cá dos desvios sofridos pela teoria e pela prática psicanalítica, e que terminaram por recalcar os princípios metapsicológicos, que esclarecem o fato de que “o fenômeno fundamental da revelação analítica é essa relação de um discurso a outro que o toma como suporte” (LACAN, 1998d).

Nesse sentido a afirmação da dimensão propriamente significativa sob a qual o sujeito se coloca na fala, implica conceber a subjetividade em uma relação fundadora com a linguagem.

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. *O Inconsciente*. Obras Completas. ESB Editora Imago 1980a. v. XIV.
- FREUD, S. *A Interpretação dos sonhos*. ESB Editora Imago 1980b. v. IV e V.
- FREUD, S. *Psicopatologia da vida cotidiana*. ESB Editora Imago 1980c. v. VI.
- LACAN, J. *Mais, ainda*. O seminário XX. Editora: Jorge Zahar, 1982.
- LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: *Escritos*. Editora: Jorge Zahar Ed. 1998a.
- LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: *Escritos*. Editora: Jorge Zahar Ed. 1998b.
- LACAN, J. A significação do falo. In: *Escritos*. Editora Jorge Zahar, 1998c.
- LACAN, J. *Os Escritos Técnicos de Freud*. Seminário I. Editora Jorge Zahar, 1998d.
- MILNER, J. C. *L'Amour de La langue*. Paris, Seuil. 1978.